

UC Berkeley

Berkeley Review of Education

Title

The Militarization and the Privatization of Public Schools

Permalink

<https://escholarship.org/uc/item/4969649w>

Journal

Berkeley Review of Education, 2(1)

ISSN

1947-5578

Authors

Galaviz, Brian
Palafox, Jesus
Meiners, Erica R.
et al.

Publication Date

2011-01-01

Peer reviewed

A Militarização e a Privatização de Escolas Públicas

Brian Galaviz,^{a1} Jesus Palafox,^b Erica R. Meiners,^c
and Therese Quinn^d

^a Caucus of Rank and File Educators

^b National Network Opposing the Militarization of Youth

^c Northeastern Illinois University

^d School of the Art Institute of Chicago

Abstract

Este artigo oferece um estudo de caso da militarização das Escolas Públicas de Chicago (CPS). Primeiro, retratamos o panorama da militarização da educação por meio do exemplo das Escolas Públicas de Chicago. Em segundo lugar, situamos a militarização das escolas dentro do atual movimento das escolas charter. Terceiro, explicamos o impacto da militarização na juventude e criticamos a visão de que as academias militares e os programas militares são apropriados como modelos de educação pública. Em quarto lugar, com um apêndice extenso, oferecemos aos leitores ferramentas para trabalhar contra a militarização das escolas públicas em suas comunidades.

Palavras-chave: Militarização, Escolas Charter, Academias Militares, Privatização, Disciplina

Durante o discurso do “Estado da União” em 25 de janeiro de 2011, invocando a remoção do *Don't Ask, Don't Tell* (DADT), a política federal que restringia as soldados lésbicas, gays e bissexuais de revelarem suas identidades sexuais, Presidente Barack Obama fez um apelo para remover todas as barreiras ao Corpo de Treinamento de Oficiais da Reserva (ROTC) e aos recrutadores militares nos campi universitários:

A partir deste ano, nenhum americano será proibido de servir ao país que ama por causa de quem ama. E com essa mudança, apelo a todos os nossos campi universitários para abrir suas portas para nossos recrutadores militares e o ROTC [Reserve Officers' Training Corps - Corpo de Treinamento de Oficiais da Reserva]. É hora de deixar para trás as batalhas divisivas do passado. É hora de avançar como uma nação. (¶93)

Nesse discurso, Obama está pedindo às instituições de ensino superior que se tornem mais amigáveis com os militares. No entanto, sua declaração negligenciou ou deliberadamente ignorou a Emenda Solomon, uma lei promulgada em 1996 que congela o financiamento federal para universidades que proíbem unidades do Corpo de Treinamento de Oficiais da Reserva (ROTC) ou recrutadores militares de seus campi. Seu discurso também não reconheceu a decisão unânime da Suprema Corte de 2006 que

¹ Correspondências acerca deste artigo devem ser endereçadas para Brian Galaviz, Caucus of Rank and File Educators. Email: briangalaviz@gmail.com

Tradução feita por Henrique Rodrigues Torres (henriquetorres.sedf@gmail.com).

afirmou a Emenda Solomon, *Rumsfeld v. FAIR*.² No momento do discurso, havia várias universidades de elite nos Estados Unidos que de fato proibiam o ROTC, incluindo Yale (Advocates para Yale, 2011) e Stanford (Huwa, 2010). No entanto, o Departamento de Defesa (DOD) há muito optou por não fazer cumprir a Emenda Solomon nessas instituições restritivas de acesso. É importante observar essa falta de fiscalização; oferece uma pista para o real interesse do DOD, que argumentaremos aqui que não é o recrutamento dos mais privilegiados da nação, mas sim de seus jovens mais vulneráveis.

Por exemplo, em 2009, a Young America's Foundation desafiou o Pentágono em tribunal para tentar forçar o governo federal a reter fundos da Universidade da Califórnia, Santa Cruz, por causa da proibição da escola sobre o ROTC (*Young America's Foundation v. Gates*, 2009). A Young America's Foundation perdeu o caso porque o Secretário de Defesa tem poder discricionário na aplicação da Emenda Solomon e "portanto, não é passível de revisão" (*Young America's Foundation v. Gates*, 2009, ¶2). Esclarecendo o processo de tomada de decisão na aplicação de Solomon, Cheryl Miller, gerente do Programa de Cidadania Americana no American Enterprise Institute, escreveu recentemente: "o Pentágono tomou o caminho de menor resistência quando se trata de recrutamento em faculdades" (Miller, 2010, ¶4). A declaração de Miller sugere o que afirmamos neste artigo - que os militares se concentram em certo grupo de jovens para recrutar, principalmente os pobres e a classe trabalhadora, que normalmente não frequentam as universidades mais exclusivas do país. Especificamente, as forças armadas têm como objetivo desenvolver sentimentos fortemente positivos sobre atividades e serviço militar nesses jovens, especialmente porque sentimentos positivos e expressados interesse no serviço militar por alunos do último ano do ensino médio são um forte indicador do serviço real (Woodruff, Kelty, & Segal, 2006).

Os militares investem centenas de milhões de dólares em publicidade e suporte para think tanks encarregados de desenvolver estratégias de recrutamento (por exemplo, RAND Corporation), e Junior Reserve Officer Training Corps (JROTC), academias militares e programas em todos os níveis fazem parte disso plano de recrutamento (Ayers, 2006; Schaffer-Duffy, 2003; Woodward, 2004). Os militares dependem da disponibilidade de um grupo específico de populações para recrutamento. Por exemplo, pesquisadores que trabalham com a RAND Corporation fizeram um estudo para o Pentágono sobre como aumentar o recrutamento para o Latin@³, uma prioridade militar à medida que o número de afro-americanos que se alistam continua diminuindo (Williams & Baron, 2007). Os autores sugeriram que seria difícil recrutar mais pessoas do terço "menos qualificado" dos Latin@s examinados em seu estudo; o segundo grupo, denominado "próximo mais qualificado" no estudo, foi descrito como aproveitado pelos recrutadores (Asch, Buck, Klerman, Kleykamp, Loughran e RAND National Defense Research, 2009, p.xxi). Em vez de focar nos dois grupos anteriores, a RAND sugeriu que os militares recrutassem os "mais qualificados" Latin@s e observou que o acesso ao dinheiro da faculdade e "oportunidades de liderança" poderiam ser usados como ferramentas de recrutamento para atrair alunos potencialmente destinados à faculdade. (Asch et al., 2009, p.xxii). Embora os autores do relatório tenham sugerido o recrutamento do terço superior do Latin@s, quem o relatório identificou como o "mais qualificado" grupo de Latin@s, eles ainda viam o potencial do financiamento da faculdade

² *Rumsfeld v. Forum for Academic and Institutional Rights (FAIR)* (2005). Further information about this case can be found at Oyez Online at: http://www.oyez.org/cases/2000-2009/2005/2005_04_1152

³ Latin@s se refere a Latinas and Latinos e ao gênero incluso no termo.

como uma ferramenta de recrutamento. Isso faz sentido; A Latin@s teve a renda familiar média mais baixa de todos os grupos relatados no Censo dos Estados Unidos de 2010, e eles são um grupo para o qual a taxa de pobreza está aumentando, de acordo com os dados do censo (U.S. Census Bureau, 2010). Em outras palavras, mesmo o grupo “mais qualificado” provavelmente se beneficiaria de ajuda financeira para seus estudos pós-secundários.

Talvez tão importante quanto a retórica do financiamento, a percepção de que a participação nas forças armadas indica liderança e forte caráter moral é particularmente persuasiva como estratégia de recrutamento. Para os jovens que são regularmente apresentados na mídia como problemas sociais em vez de ativos, a promessa das escolas militares de desenvolver a liderança jovem e outras qualidades pessoais dignas pode ser tão valiosa quanto as promessas de financiamento da faculdade para jovens vulneráveis. Por exemplo, em Chicago, alunos negros de baixa renda e suas escolas são frequentemente descritos em termos depreciativos por defensores das academias militares públicas e outras formas de escolas privatizadas:

[A] o discurso racializado de fracasso, liberdade condicional e falta de esforço considera as escolas e comunidades afro-americanas e latinas deficientes. Isso foi explicitado quando o CEO da CPS [Escolas Públicas de Chicago, Arne Duncan] defendeu o fechamento da Englewood High School, declarando que a escola exibia “uma cultura de fracasso.” (Lipman & Haines, 2007, p. 490)

Da mesma forma, a Nicholas Senn High School de Chicago, uma escola comunitária de inscrição aberta, foi chamada de “lixão para imigrantes” em uma reunião do conselho escolar para justificar a colocação de uma academia naval dentro de seu prédio (Chicago Independent Media, 2005). Os militares então oferecem um mecanismo legitimador e disponível para os jovens e suas famílias resistirem à retórica estigmatizante aplicada aos urbanos jovens de cor.

Neste artigo teórico sobre militarização escolar, exploramos um contexto no qual muito do recrutamento e do desenvolvimento da disposição para o serviço militar provavelmente acontecerá - escolas públicas. Concentramos nossa investigação especificamente em um estudo de caso das Escolas Públicas de Chicago (CPS) para realizar quatro coisas. Primeiro, vamos retratar o cenário da militarização da educação por meio do exemplo das Escolas Públicas de Chicago. Em segundo lugar, queremos situar a militarização das escolas dentro do atual movimento das escolas charter. Terceiro, queremos explicar o impacto da militarização na juventude e criticar a visão de que as academias militares e o JROTC são apropriados como modelos de educação pública. Quarto, queremos dar ao leitor ferramentas para trabalhar contra a militarização das escolas públicas dentro de suas comunidades.

Enquadrando a militarização da educação em Chicago

Com seis escolas públicas militares de ensino médio e mais de 10.000 alunos participando de programas JROTC, começando já no ensino médio no Cadet Corps, Chicago tem o maior número de escolas militares públicas e programas JROTC nos Estados Unidos (Military Public Schools on the Rise, 2009). Na verdade, Chicago tem um terço das escolas militares públicas do país e é a única cidade a ter todos os ramos das forças armadas representados com academias militares (Banchero & Sandovi, 2007; McDuffee, 2008). Escolas militares públicas de Chicago (junto com outras escolas que oferecem currículos limitados como escolas de educação vocacional, Academias de

educação para carreiras e escolas que usam apenas aulas de instrução direta roteirizadas) foram colocadas principalmente em comunidades de baixa renda, de cor, enquanto escolas com ofertas diversificadas (incluindo escolas magnéticas, centros regionais de superdotados, escolas clássicas, Programas de Bacharelado Internacional e escolas preparatórias para a faculdade) foram colocados em comunidades mais brancas e ricas, especialmente no lado norte, ao longo do lago e em áreas de gentrificação (Lipman, 2004). Em outras palavras, não é por acaso que em 2005 a Senn High School, uma escola de ensino médio com uma população de estudantes pobres e imigrantes, foi forçada a dividir espaço com a Rickover Naval Academy, contra a vontade dos professores, pais e alunos da escola, enquanto a escola de segundo grau restritiva, Northside College Prep, a apenas uma curta distância, não (Roa, 2009).

Em 2001, o prefeito de Chicago Richard M. Daley, em uma carta ao editor, parabenizou os esforços do então prefeito Jerry Brown por abrir uma escola pública militar em Oakland e explicou suas próprias razões para criar escolas militares em Chicago:

Começamos essas academias por causa do sucesso de nosso programa Junior Reserve Officers Training Corps (JROTC), o maior do país. O JROTC fornece aos alunos a ordem e a disciplina que muitas vezes faltam em casa. Ensina gerenciamento de tempo, responsabilidade, definição de metas e trabalho em equipe, além de desenvolver liderança e autoconfiança. (¶3)

JROTC é uma peça histórica importante na evolução da educação militarizada. Como parte da Lei de Defesa Nacional de 1916, o JROTC foi desenvolvido para preparar os jovens para lutar na Primeira Guerra Mundial e ainda faz parte do orçamento de recrutamento do Pentágono (McDuffee, 2008). Embora o JROTC às vezes seja enquadrado como “não recrutamento” pelos atuais formuladores de políticas educacionais, o JROTC tem sido historicamente entendido como uma ferramenta de recrutamento e ainda é nomeado dentro de espaços militares como parte do plano de recrutamento (Thomas-Lester, 2005).

De forma mais ampla, o treinamento militar nas escolas tem sido usado desde o início da década de 1890 como uma forma de regular a diferença, com uma ênfase inicial no rastreamento de ocupações e comportamentos “apropriados” de raça e classe (Bartlett & Lutz, 1998). Esse impulso alinhado com os interesses políticos e econômicos prevaletentes daqueles que estão no poder, por exemplo, sulistas brancos que apoiavam escolas secundárias negras com a condição de que as escolas treinassem jovens negros - para um trabalho que não competisse com o trabalho branco e por qualidades (incluindo “Respeito, obediência e aquiescência submissa”) que diminuíam a probabilidade de esses jovens exigirem tratamento igual (Bartlett & Lutz, 1998, p. 121). Após o início da guerra na Europa em 1914, houve mais pedidos de treinamento militar universal em escolas públicas e faculdades como uma forma de resolver problemas sociais percebidos, incluindo a “podridão moral” associada ao aumento da riqueza nacional, aumentos no número de imigrantes que eram vistos como insuficientemente leais, sendo as demandas trabalhistas feitas principalmente por meio de greves (Bartlett & Lutz, 1998). Os defensores do treinamento militar nas escolas afirmavam que isso criaria melhores cidadãos e um “espírito de obediência, de subserviência à disciplina” (Anonymous, citado em Bartlett & Lutz, 1998, p. 122). Pacifistas e outros que se opunham a este treinamento foram descritos de maneiras sexualizadas e de gênero como “sifilíticos morais”, um termo que, junto com “podridão moral”, evoca sexualidade estragada, se não exatamente a identidade estragada de queerness (Goffman, 1963). Os militares e a

educação militarizada também foi prescrita como uma cura para a suspeita de masculinidade do imigrante, que poderia desenvolver "uma vivacidade viril" por meio da participação em exercícios escolares e treinamento do exército (Bartlett & Lutz, 1998, pp. 122-123).

Desde o início do JROTC, seu objetivo principal foi entendido como ideológico, não vocacional (Bartlett & Lutz, 1998). A Associação Nacional de Educação tomou uma posição firme contra o treinamento militar universal em sua reunião de 1915, mas inverteu sua posição mais tarde com uma declaração conflitante de que "o treinamento deve ser estritamente educacional... e não se deve permitir que fins militares pervertam os propósitos e práticas educacionais da escola" (Literary Digest, 22 de julho de 1916, citado em Bartlett & Lutz, 1998, p. 124). Grupos de pais, alunos e educadores resistiram à sua imposição em eventos amplamente divulgados. Os artigos do New York Times "United Parents Vote against School Drill" (1929), que documentaram o voto unânime de um grupo de pais contra treinos militares nas escolas, e "Debate Military Training: School Pupls Give Views in Panel in Times Hall" (1945) oferecido um senso da longevidade da organização contra o treinamento militar em escolas públicas, visto que os apelos por um 'treinamento militar universal' ou baseado na escola têm sido resistidos e contestados por pais e comunidades ao longo de décadas. Notavelmente, é importante identificar as ligações entre educação militarizada, eugenia, racismo e nacionalismo (Berlowitz, 2000; Ordoover, 2003; Selden, 1999). O militarismo e uma educação militarizada foram historicamente prescritos como uma cura para "o menino de peito vazio" (Bartlett & Lutz, 1998, pp. 122). A educação militar baseia-se nos mesmos temores no cerne do movimento eugênico: que a "fraqueza" da "raça branca", e em particular de seus homens e meninos, fosse sustentada por meio das práticas de suavização da educação pública.

Hoje, sem um recrutamento nacional, mas com guerras sem fim à vista, não é surpresa que os militares dos EUA estejam ansiosos para promover estratégias de recrutamento comprovadas e novas (Alvarez, 2007). Como parte dessa campanha, usando iscas atraentes - como videogames de tiro em primeira pessoa gratuitos e muitas vezes falsas promessas de enormes bônus em dinheiro ou bolsas de estudos - e com o benefício de acesso aparentemente irrestrito a locais onde as crianças se reúnem sem a presença dos pais ou responsáveis, os militares estão refinando suas atividades de recrutamento de jovens visando a educação pública (Houppert, 2005; Medina, 2007). Por exemplo, o Armed Services Vocational Aptitude Battery (ASVAB), um teste de múltipla escolha usado para determinar a elegibilidade para o alistamento, é integrado e usado nas escolas como uma ferramenta de recrutamento (Anderson, 2009). Anderson analisou e nomeou essas e outras especificidades de como as escolas podem ser militarizadas: aumento do recrutamento militar em escolas e escolas militares charter; a transferência de militares para escolas por meio de programas como Tropas para Professores; programas motivacionais ensinados e financiados pelos militares, como Planning for Life; divulgação por meio de "vans de aventura" que fornecem aos alunos acesso a jogos e simulações militares; o uso de instrutores JROTC para ensinar outras disciplinas, muitas vezes permitindo que os alunos recebam créditos extras para a graduação. Essa lista identifica uma gama de questões que reforçam uma forma particular de masculinidade hegemônica e o recrutamento de alunas para essa ideologia (Anderson, 2009). A seguir, examinaremos de perto as conexões entre as escolas públicas militares e o movimento das escolas charter.

Militarização e o Movimento das Escolas Charter

Em todos os Estados Unidos, a escolha da escola é considerada uma resposta pública a um sistema educacional público burocrático e ineficaz. Por meio de reformas baseadas na escolha, os pais são reposicionados como consumidores que devem selecionar a melhor opção educacional para seus filhos. Em Chicago, essas escolhas - percebidas por alguns como “despolitizantes” de um sistema altamente politizado - incluem disputas públicas e nos bastidores sobre quem controlará as escolas, seus fundos e seus empregos. O CPS é o segundo maior empregador da cidade e tem um orçamento anual de mais de US\$5 bilhões, com opções que incluem escolas de bairro, escolas filosóficas, com temáticas magnéticas e charter, e uma variedade de escolas preparatórias acadêmicas de admissão seletiva, junto às novas opções militares (Chicago Business, 2010). As escolhas, insiste a lógica, garantem a qualidade por meio da competição - à medida que cada escola compete por cada criança, os professores serão finalmente induzidos a ensinar melhor e a qualidade de todas as escolas irá subsequentemente melhorar (Plank & Sykes, 2003). A chave para essa virada discursiva e material é que o que é público (escolas sugadoras de dinheiro, professores preguiçosos) é considerado um monopólio artificial e esbanjador, enquanto o que é privado (qualidade através da competição) é apresentado como um bem natural e econômico (Lubienski, 2001). Ainda assim, a escolha da escola, incluindo o impulso para oferecer escolas militares dentro de sistemas de escolha, deve ser interpretada por meio de mudanças econômicas maiores que reformularam a esfera pública nos Estados Unidos e, subsequentemente, alteraram o cenário para aqueles que não são a maioria. Essas mudanças são vividas e sentidas nos níveis local e pessoal, bem como no nível estrutural, e a militarização é nitidamente apagada com essas mudanças.

As escolas charter, por exemplo, são um componente-chave da reestruturação educacional neoliberal ou privatizante. Charters são escolas gratuitas com financiamento público que não precisam cumprir todos os regulamentos de educação estaduais (geralmente calendário, currículo e qualificações de professores) em uma tentativa de enfrentar alguns dos desafios mais intransigentes da educação. Teoricamente, se os estatutos não produzirem resultados, geralmente medidos por meio de pontuações de testes padronizados, o estatuto ou licença da escola para operar será revogada. A pressão pública por escolas charter por partes interessadas poderosas, do governador Chris Christie em New Jersey ao empresário Bill Gates, é frequentemente referida por esses defensores como o Movimento das Escolas Charter (CSM) (ver, por exemplo, o Movimento das Escolas Estatais [2005], um relatório da National Alliance for Public Charter Schools). O CSM expressa sua pressão por cartas na retórica da livre escolha e responsabilidade do mercado (para professores, pais e alunos, mas nunca governos). À primeira vista, a responsabilidade e a escolha não são controversas, e culpar os professores parece uma maneira fácil de desviar a atenção dos problemas sociais estruturais e sistêmicos. Um problema com o CSM é que ele e a lógica mais ampla de escolhas de livre mercado mascara outros motivos e consequências, incluindo privatização, gentrificação, quebra de sindicatos e a pressão por testes de alto impacto.⁴

Embora a militarização da educação pública tenha começado antes do movimento das escolas charter, a charterization foi capaz de fazer parceria ideológica e material com a militarização. As academias militares são facilmente incorporadas ao CSM porque são “escolhas” adicionais para os pais na nova boutique de opções de fretamento. Por exemplo, em DeKalb, Geórgia, em 2009, escolas militares públicas foram promovidas

⁴ Está além do escopo deste artigo analisar completamente a retórica e as agendas ocultas presentes no CSM. Os leitores interessados em estudar melhor essas áreas de pesquisa e análise podem ler *The Charter School Dust-Up* (Carnoy, Jacobsen, Mishel, & Rothstein, 2005).

(sem sucesso) como uma escolha para os pais: “Dale Davis, oficial de informação pública do Sistema Escolar do Condado de Dekalb, disse ao Atlanta Progressive News que a escola é ‘um acréscimo’ para os pais considerarem. _ É uma escolha. É uma escolha dos pais enviarem seus filhos” (Springston, 2009). Em Chicago, o Coronel Rick Mills, Oficial Chefe da Área 26 (anteriormente conhecido como Escritório da Área Militar), fez afirmações semelhantes:

[O] propósito dos programas da academia militar é oferecer aos nossos cadetes e pais uma escolha educacional entre as muitas opções nas escolas públicas de Chicago e fornecer uma experiência educacional que tenha um currículo preparatório para a faculdade, combinado com um currículo militar. (Brackett, 2007)

Nessas discussões, a escolha parece benevolente. No entanto, examinar as “opções” disponíveis indica que não é improvável que alguns pais se sintam pressionados a optar por uma opção militar. Se as únicas opções forem uma escola de bairro precisando de reparos ou uma nova academia militar, os pais muitas vezes escolherão a escola com mais recursos. Por exemplo, Brian Galaviz (primeiro autor) foi professor de ciências por seis anos na Senn High School, que agora divide espaço com a Rickover Naval Academy (RNA). Depois que o RNA foi estabelecido dentro do Senn, laboratórios de ciências anteriormente não funcionais foram reformulados e remodelados, enquanto alguns professores, incluindo Galaviz, ensinaram sem laboratório de ciências. Essa escolha pode ser angustiante para os pais, como Marivel Igartua, mãe de um cadete da Academia Naval, expressou a Galaviz (M. Igartua, comunicação pessoal, 15 de novembro de 2008). Ela não queria ter que mandar sua filha para o RNA, mas sentiu-se pressionada a tomar essa decisão porque a escola da área estava em péssimo estado. A distribuição desigual de recursos, na qual as academias militares são favorecidas às escolas comunitárias mais antigas, é uma forma de coerção econômica, forçando pais e alunos a fazerem a escolha racional da alternativa adequadamente financiada em vez de uma escola obviamente negligenciada.

Os promotores da militarização em Chicago afirmam ainda que as academias militares não são simplesmente uma escolha dos pais, mas sim uma escolha popular e, especificamente, que os pais exigem essas academias. Mills disse: “Esses tipos de programas não estariam nas escolas se não houvesse crianças que os quisessem, pais que os apoiaram e administradores que os facilitaram” (Wedekind, 2005, ¶4). Arne Duncan, enquanto CEO da CPS, afirmou: “Temos que pensar fora da caixa, e o que existia antes simplesmente não funcionava para muitos alunos. Essas escolas são populares e têm listas de espera, o que me diz que os pais querem mais delas” (Banchero & Sadovi, 2007, ¶4). Essas alegações não são comprovadas e, ao nosso conhecimento, a CPS nunca divulgou essas listas de espera, apesar dos repetidos pedidos para que o façam.

Além disso, o exame da matrícula nas academias militares pode esclarecer essa afirmação. Por exemplo, a meta da RNA para matrículas de alunos para o ano acadêmico de 2009-2010 era de 600 alunos. No início do ano, em 2009, eram 420 alunos. Terminaram o ano com 376 alunos (Roa, 2009). Esses números contradizem as afirmações feitas por Mills e Duncan. As academias militares são consideradas uma opção a ser considerada pelos pais e, de fato, uma opção muito popular. No entanto, são necessárias mais pesquisas para determinar por que os pais e responsáveis optam por enviar seus filhos para essas escolas.

Este impulso para a "escolha" também funciona para distrair as comunidades de trabalharem juntas, a fim de desafiar as desigualdades de financiamento estrutural e reconhecer ou agir no estado de abandono. Illinois, como muitos estados, continua a ter

grotescas iniquidades de financiamento do ensino fundamental e médio que oferecem às comunidades mais velhas e mais negras significativamente menos recursos (Kozol, 2006; Lowenstein, Loury, & Hendrickson, 2008). Escolher privatiza a tomada de decisão educacional e enquadra as questões em jogo como privadas, não públicas. A classificação como privada isenta a comunidade e o governo de assumir a responsabilidade pelas iniquidades. Em vez de o Estado precisar realocar recursos públicos, o movimento de escolha educacional reformula a esfera pública por meio da escolha e da responsabilidade pessoal. Esta é uma marca registrada do neoliberalismo contemporâneo (Harvey, 2005) - uma estrutura destinada a abrir todas as partes da sociedade para o mercado livre, que é notável por qualidades como “competição, desigualdade, disciplina de mercado, 'austeridade pública e 'lei e ordem” (Duggan, 2003, p. x). Dentro dessa estrutura, as escolas militares são apresentadas como a melhor escolha para os jovens que precisam de construção de disciplina e segurança, eliminando nitidamente a realidade de que estruturas injustas e o abandono do estado produzem e moldam esta crise artificial de escassez - de recursos, segurança e currículo rico - dentro das escolas públicas.

Notavelmente, as escolas militares e os programas JRTOC são oferecidos e aceitos com mais frequência por comunidades de baixa renda e de cor - as comunidades que receberam e ainda recebem os menores recursos de escolaridade (Lipman, 2004). Transporte, recursos e exames de admissão de alto impacto removem certas opções, por exemplo, preparatório para faculdade e escolas ricas em artes, do conjunto de opções para os membros dessas comunidades. Superficialmente, as opções oferecidas aos jovens e aos pais parecem neutras em termos de raça e classe: Programa preparatório para a faculdade ou programa militar? Você faz a escolha. Mas os programas militares não são oferecidos e não florescem em comunidades ricas e brancas, como observado no início deste artigo. No entanto, a lógica da escolha funciona para mascarar essas diferenças, permitindo que os termos aparentemente neutros de escolha e disciplina de raça e classe sejam propostos pelos principais formuladores de políticas e depois usados para promover escolas militares. Por exemplo, em Chicago, o prefeito Daley e outros defendem a necessidade de escolas militares explorando medos racializados quando descrevem as necessidades de alguns jovens, mas não de todos, por disciplina e ordem. Uma estudante latina de dezesseis anos na academia naval de Chicago parece responder a essas percepções sociais, quando diz: “Quando as pessoas veem que fomos para uma escola militar, sabem que somos obedientes, seguimos instruções, nós somos disciplinado” (Banchero & Sadovi, 2007, p. 16). Esta lógica não é exigida nem ventriloquada por comunidades mais ricas e brancas.

A charterização de escolas públicas, a terceirização da educação e a disciplina para o militarismo são práticas comerciais semelhantes de construção de identidades particulares como recipientes perigosos ou perdulários de recursos públicos. Por exemplo, as escolas charters costumam contratar usando apenas contratos anuais, enquanto os professores empregados em escolas tradicionais são protegidos por sindicatos, que são cada vez mais apresentados como inflexíveis e caros. Também reproduzindo mitos e estereótipos, as escolas com temática militar são retratadas como essenciais porque os jovens urbanos de cor são indisciplinados, rebeldes, até mesmo perigosos, e precisam ser controlados (Lipman, 2003; Montefinise, 2007; Quinn, 2007). Usar bodes expiatórios para remodelar a esfera pública é uma velha tática nos Estados Unidos. Do bem-estar à educação pública, demonizar os destinatários é uma forma clara de questionar a legitimidade de uma instituição ou programa público e de afirmar a importância da regulamentação e supervisão orientadas para o mercado (Duggan, 2003; Quadagno, 1994). Essas imaginações culturais - de quem não pode ser confiável, precisa ser controlado e / ou não merece dinheiro público - são baseadas em gênero, sexualizadas, racializadas, e profundamente enraizadas nas narrativas dos EUA (Hancock,

verdades públicas, ou o tipo de bom senso “unitário e coerente” que exige formas e instituições (Gramsci, 1971, p. 328). Por exemplo, tropos estereotipados populares incluem as crenças de que as crianças urbanas precisam de disciplina de estilo militar e os sindicatos são para trabalhadores preguiçosos, legitimando assim práticas institucionais e estatais particulares.

Finalmente, a militarização das escolas públicas não pode ser separada de práticas econômicas e culturais mais amplas que moldam nossas vidas e processos políticos. Dos brinquedos ao entretenimento e da moda aos videogames, a militarização é naturalizada em nossos contextos culturais populares. A militarização é tanto a nossa resposta ao conflito quanto a maneira como vivemos, como Eisenhower identificou em 1961, quando alertou contra um complexo industrial militar ou uma economia de guerra permanente. Gilmore (2007) nos lembra que Eisenhower, ao cunhar o termo complexo industrial militar, objetivou destacar o problema do amplo domínio dos militares nas esferas econômica, cultural e política:

[Eisenhower] alertou que a larga escala e as intrincadas conexões entre os militares e a indústria bélica determinariam o curso do desenvolvimento econômico e da tomada de decisões políticas para o país, em detrimento de todos os outros setores e ideias. (p. 42)

Um desses “outros setores” é o nosso sistema de ensino público, cada vez mais saturado de militarismo.

Impacto

O JROTC e as academias militares funcionam como ferramentas de recrutamento militar subsidiadas pelos contribuintes.⁵ As despesas totais das Escolas Públicas de Chicago em programas JROTC para o ano letivo de 2007-08 foram de \$12.885.966,60. Desse montante, a CPS recebeu \$3.810.924,45 do Departamento de Defesa (DOD), deixando aos contribuintes de Chicago uma fatura de \$9.075.042,15. Os instrutores JROTC recebem substancialmente mais do que os professores certificados de escolas públicas; o salário médio de 2009-10 para um instrutor JROTC foi de \$75.400,37, em comparação com uma média de 2009-10 de \$69.000 para professores CPS (Escolas Públicas de Chicago, sem data)

Além das desigualdades salariais, os instrutores JROTC também recebem tratamento especial em relação ao tamanho das turmas. As escolas CPS são obrigadas a subsidiar pelo menos dois instrutores JROTC, não importa quantos alunos eles tenham matriculado no programa. Legalmente, os programas JROTC devem ter uma inscrição mínima de 100 alunos ou 10% da população estudantil - o que for menor. No entanto, esta lei nem sempre é aplicada. Por exemplo, existem 11 programas JROTC no CPS que não atendem a esse limite; dessas 11 escolas, seis delas têm três instrutores JROTC. Isso significa que três instrutores ensinam menos alunos do que os 100 exigidos. Essa cultura de tratamento preferencial e recursos adicionais resulta em aulas de JROTC que parecem e são, para alunos e pais, mais atraentes e mais seguras do que as escolas e salas de aula do bairro, carentes de recursos. A maior proporção professor-aluno nas aulas JROTC permite que os alunos recebam mais atenção individual, o que prejudica ainda mais os professores da

⁵ Unless otherwise stated, all data included in this section was gained from CPS through a series of Freedom of Information Act (FOIA) requests made to CPS by Galaviz, Quinn, and Palafox, between July 2010 and January 2011. For access to these documents, readers may contact Jesus Palafox at jpalafox@afsc.org.

sala de aula regular e seus alunos.

Conforme observado anteriormente neste artigo, o JROTC está incluído no orçamento do Pentágono em recrutamento e é entendido como uma ferramenta de recrutamento. Mais amplamente do que o recrutamento direto, esses programas cultivam e naturalizam uma cultura militar, em vez de civil. Os jovens são apresentados à hierarquia militar e ao modo de vida - uma cultura militar abrangente. Eles recebem uniformes formais sob medida e uniformes casuais confortáveis; seus objetivos são alcançar rankings, Particular ou Corporativos; e os alunos nesses programas são chamados de nomes que indicam status e valor - cadete e soldado. Cada um desses aspectos visa cultivar uma mente militarizada, o que pode ser a melhor explicação para porque, por exemplo, “40% de todos os graduados do NJROTC [Corpo de Treinamento de Oficial da Reserva Júnior Naval] entram no serviço militar” (Goodman, 2002). Esta estatística é especialmente reveladora considerando que menos de 1% da população serviu nas forças armadas em qualquer momento desde 1975 (Segal & Segal, 2004, ¶5).

Finalmente, viagens de campo e palestrantes convidados - a evidência dos possíveis futuros dos alunos - nessas escolas centralizam a vida militar com a exclusão potencial de outros caminhos; os cadetes da Rickover Naval Academy (RNA) fizeram uma viagem de campo patrocinada pela escola para a Naval Academy em Annapolis, MD, e há dois anos a RNA hospedou o almirante Michael Mullen, o atual presidente do Joint Chiefs of Staff. Mullen disse aos cadetes que a "Marinha foi uma ótima escolha de carreira" (Roa, 2009, ¶10). Embora o JROTC promova o alistamento como forma de acessar o financiamento da faculdade, o serviço militar pode ser descrito como um caminho falso para a faculdade e outros benefícios pós-secundários. Por exemplo, as muitas condições que devem ser atendidas para receber e utilizar os benefícios pós-secundários prometidos significa que eles não são verdadeiramente garantidos e, no passado, isso resultou em muitos veteranos descobrindo tarde demais que não iriam receber a ajuda financeira para a faculdade que eles esperavam. De acordo com o GI Bill, anterior ao 11 de setembro, 43% dos militares receberam seus benefícios de GI e o pagamento líquido médio aos veteranos é inferior a US\$2.200, muito menos do que o custo da maioria das possibilidades de educação pós-secundária (Diener & Munro, 2005). Mais pesquisas são necessárias para entender tendências semelhantes com o novo GI Bill.

Além da eliminação das desigualdades entre as escolas públicas militarizadas e tradicionais, o apagamento de futuros não militares, a deturpação dos benefícios reais do colégio militar, o longo histórico militar de violência sexual e de gênero também é evitado em programas JROTC ou em discussões em nível de política sobre as escolas militares e públicas. Só nos últimos vinte anos, alguns dos incidentes de maior visibilidade incluíram a admissão de 1996 de que os sargentos estupravam regularmente estagiárias no Aberdeen Proving Ground; os depoimentos de Beth Davis e outras mulheres que foram abusadas sexualmente na Academia da Força Aérea dos Estados Unidos no Colorado durante os anos 1990; a revelação de muitas mulheres uniformizadas e contratadas privadamente no Iraque de que foram estupradas, tinham receio de usar o banheiro à noite por medo de agressão sexual por parte de seus colegas de trabalho e muito mais (Chen, 2008; Enloe, 2000; Harman, 2008; Houppert, 2008). Entre 2004 e 2006, as denúncias de agressão sexual pelo Departamento de Defesa aumentaram 73%; em 2007, 2.688 agressões sexuais foram relatadas ao DOD (Harman, 2008, ¶4). No entanto, relativamente poucos deles são encaminhados para tribunais marciais (a versão militar de processo criminal) - em 2007, apenas cerca de 12% das agressões sexuais foram encaminhados para tribunais marciais, de acordo com estatísticas do DOD. Na Califórnia, em comparação, 44% dos estupros relatados resultam em prisões e, daqueles

que foram presos, 64% foram processados (Harman, 2008, ¶7). Os militares, apesar de sua história como empregador de ações afirmativas e um dos primeiros poderes do governo a desagregar, continuam a negar e minimizar essa epidemia de gênero e violência de gênero.

Servir no exército também é perigoso de outras maneiras. Estudos documentaram as taxas de suicídio, estresse pós-traumático⁶ e outras dificuldades para a saúde mental. Uma pesquisa recente demonstra que esses resultados negativos atingem desproporcionalmente os jovens:

Embora seja relatado que adultos no serviço militar ativo experimentam maior risco a saúde mental, incluindo estresse, abuso de substâncias e suicídio, os soldados mais jovens apresentam consistentemente os piores efeitos na saúde, sugerindo que o serviço militar está associado a uma saúde desproporcionalmente ruim para essa população. Um estudo de transtornos mentais nas forças armadas dos EUA encontrou as taxas mais altas de todos os transtornos, incluindo abuso de álcool, síndromes de ansiedade, depressão e transtorno de estresse pós-traumático, entre o grupo mais jovem, aqueles com idade entre 17 e 24 anos. Outro estudo descobriu que soldados mais jovens tinham 30% a 60% mais transtornos por abuso de substâncias do que soldados mais velhos, e mulheres mais jovens, em particular, tinham a maior incidência de tentativas de suicídio ou ferimentos autoinfligidos. O grupo mais jovem de veteranos também experimentou recentemente um aumento de 26% nos suicídios de 2005 a 2007. (Hagopian & Barker, 2011, p. e6)

Este dano colateral tem sido cada vez mais visível nos últimos anos, com fontes de notícias tradicionais cobrindo as altas taxas de estresse pós-traumático e o acesso desigual dos veteranos aos serviços de saúde mental, mas parece ter saído das discussões sobre a formulação de políticas sobre a relação do DOD com nosso sistema de educação pública (Goode, 2009; Lopez, 2010).

Finalmente, assim como o medo e as falsidades - de perigo, gangues e comunidades urbanas e casas anárquicas - têm sido usados para vender escolas militares, escolas e programas militares usam estereótipos de sexualidade e gênero, especificamente Queers e meninas, como contrastes contra os quais os jovens soldados serão educados. Por exemplo, a disciplina em escolas e programas militarizados como o JROTC é construída por meio do desenvolvimento de uma masculinidade rígida que é misógina e homofóbica. “Quase todos os dias do meu primeiro ano”, relatou um ex-candidato a oficial cadete do JROTC sobre sua experiência com o programa no ensino médio, “eu tinha que usar um vestido e era regularmente chamado de 'estúpido', 'verme', 'viado' —Todo tipo de indignidades diárias que alguém tinha de sofrer por causa da 'disciplina militar'”(Wily Filipino, 2003). Em Chicago, nossa revisão de 2007 de todas as escolas de ensino médio militares, que em geral afirmam estar em conformidade com a política antidiscriminação da cidade que inclui orientação sexual, revelou que nenhuma tinha programas para apoiar ativamente seus alunos Queer, como o Gay-Straight Alliances que são comuns em muitas outras escolas de Chicago.

⁶ Post-traumatic stress and not Post-Traumatic Stress Disorder is used because the term disorder puts the focus of the problem on the individual as opposed to considering the logical response of stress in wartime (Ivey & Ivey, 1998). To view artwork critical of the term PTSD created by a veteran, the reader is also encouraged to visit the website <http://www.ivaw.org/sites/default/files/documents/public/PTSDshadow.pdf>.

Caminhos Para Fora da Bagunça Em Que Estamos

Tentamos aqui demonstrar que, além de usar a história para lembrar pais, jovens e políticos das relações entre os militares, as formas de violência de gênero, educação e eugenia, as definições e práticas de disciplina na educação precisam ser expandidas. Em particular, concordamos com um ensaio de 1916, ainda ressonante no *New York Times*, no qual um diretor de escola, Dr. James Mackenzie argumentou: “Se os meninos americanos carecem de disciplina, por todos os meios, vamos fornecê-la, mas não por meio de um treinamento cujo objetivo declarado é a matança humana” (Mackenzie, 1916). No entanto, é importante notar que muitos caminhos baseados na escola para a disciplina, ou práticas para a especialização, oferecidos aos filhos dos mais privilegiados na sociedade - educação artística (dança, instrução musical, teatro e performance, artes visuais), esportes, educação física, atividades extracurriculares, clubes de xadrez, debate em jornalismo de rádio e muito mais - não estão disponíveis igualmente para todos os jovens. Em Chicago, por exemplo, 20% dos diretores relatam que suas escolas públicas não oferecem nenhum programa de artes, crianças em comunidades de baixa renda e de cor são menos propensas a ter artes nas escolas do que alunos em bairros mais ricos e de brancos (Illinois Arts Alliance, 2005, pp. 3, 15).

Os formuladores de políticas educacionais em Chicago podem tomar decisões que apoiem as formas civis no desenvolvimento da juventude, desde esportes às artes visuais e música, para todas as crianças. Os jovens e seus pais apoiam programas militares porque veem essas iniciativas como oportunidades para proporcionar disciplina, segurança, oportunidades acadêmicas e de liderança. Essas mesmas oportunidades podem ser oferecidas por meio de artes, esportes, teatro, artes marciais e música - programas que foram amplamente eliminados das escolas urbanas. Apenas uma escola de matrícula restritiva em Chicago tem um programa militar, Jones College Preparatory High School, e este programa não atende aos requisitos de matrícula do JROTC

Por exemplo, e se, em vez de expandir as escolas públicas militares, Chicago e o resto do país seguissem o exemplo do Conselho de Educação de São Francisco, que em 2006 votou por eliminar os programas JROTC de suas escolas por meio de uma eliminação progressiva em vários anos? “É basicamente um programa de ‘branding’ ou um programa de recrutamento para os militares”, disse um membro do conselho escolar antes da votação (Tucker, 2006, ¶19). Reconhecendo que o JROTC ofereceu algumas coisas desejáveis aos alunos e famílias, o conselho de San Francisco decidiu desenvolver e testar novos programas não militares para atender a esses interesses. O conselho de São Francisco subsequentemente votou que suas escolas públicas não poderiam oferecer crédito de educação física para programas JROTC (Asimov, 2008). Esta é uma estratégia promissora; o conselho de San Francisco não apenas pediu aos jovens que aceitassem a perda de um programa bem avaliado, mas também convidou esses alunos a dizerem o que amavam sobre o JROTC e ofereceram algumas boas alternativas civis. Mesmo que a eliminação planejada do JROTC nunca tenha ocorrido - a decisão foi adiada e, finalmente, revertida - esta intervenção ainda oferece um modelo para os organizadores (Tucker, 2009).

Recursos aumentados e igualmente distribuídos são claramente necessários, mas não suficientes para resolver os problemas mais profundos que indicamos ao longo deste artigo e para desvendar as relações em curso entre a chaterização e a militarização. Argumentamos aqui que as escolas públicas militares não devem ser vistas simplesmente como uma escolha entre muitas na educação, mas sim, como uma direção racializada, heteronormativa e de gênero com consequências negativas para todos os alunos e professores e para a possibilidade de uma sociedade civil verdadeiramente democrática. Latin@s, e outros alunos vulneráveis, incluindo Queers, não cidadãos, Afro-americanos

contemporâneas. Instamos nossos colegas da educação a recuar na privatização, na incorporação da militarização nas escolas, a defender uma estrutura de direitos humanos e da criança como um guia, a centralizar nossas histórias de organização para uma (Ver Appendix 1).

References

- Advocates for Yale. (2011). Advocates for Yale. Retrieved from <http://www.yalerotc.org/>
- Alvarez, L. (2006, February 9). Army Effort to Enlist Hispanics Draws Recruits, and Criticism. *New York Times*. Retrieved from <http://www.nytimes.com/2006/02/09/national/09recruit.html>
- Anderson, G. (2009). The politics of another side: Truth-in-military-recruiting advocacy in an urban school district. *Educational Policy*, 23, 267-291. doi:10.1177/0895904808328514
- Asch, B. J., Buck, C., Klerman, J., Kleykamp, M., Loughran, D. S., & RAND National Defense Research, I. (2009). Military Enlistment of Hispanic Youth: Obstacles and Opportunities. *RAND Corporation*. Retrieved from http://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/monographs/2009/RAND_MG773.sum.pdf
- Asimov, N. (2008, June 27). S.F. school board kills PE credit for JROTC. *San Francisco Chronicle*, B1. Retrieved from <http://www.sfgate.com/cgibin/article.cgi?f=/c/a/2008/06/27/BAJ411FPOE.DTL>
- Ayers, W. (2006). Hearts and minds: Military recruitment and the high school battlefield. *Phi Delta Kappan*, 87, 594-599.
- Banchero, S., & Sadovi, C. (2007, October 15). Chicago military schools: Reading, writing, recruiting. *Chicago Tribune*. Retrieved from http://articles.chicagotribune.com/2007-10-15/news/070140434_1_junior-rotc-military-academies-chicago-public-schools
- Bartlett, L., & Lutz, C. (1998). Disciplining social difference: Some cultural politics of military training in public high schools. *The Urban Review*, 2, 119-136. doi:10.1023/A:1023252527956
- Berlowitz, M. J. (2000). Racism and conscription in the JROTC. *Peace Review*, 12, 393-398. doi:10.1080/713689698
- Brackett, E. (2007, December 26). Chicago's military academies raise education debate. *The Online Newshour*. Retrieved from http://www.pbs.org/newshour/bb/education/july-dec07/military_12-26.html
- Carnoy, M., Jacobsen, R., Mishel, L., & Rothstein, R. (2005). The charter school dust-up: Examining the evidence on enrollment and achievement. Washington, DC and New York, NY: Economic Policy Institute and Teachers College Press.
- Chen, M. (2008, July/August). Home from the military. *Colorlines*. Retrieved April 10, 2011 from <http://www.colorlines.com/article.php?ID=378>
- Chicago Business. (2010, December 31). *Chicago's Largest Employers*. Retrieved from Chicago Business: http://www.chicagobusiness.com/section/lists?djoPage=view_html&djoPid=1643&djoPY=@pGKJyF3ZKmUM

- Chicago Independent Media. (2005, February 8). Senn Task Force meeting becomes hotbed of debate. Retrieved from <http://chicago.indymedia.org/newswire/display/52461/index.php>
- Chicago Public Schools. (no date). Understanding the Chicago Public Schools budget: A citizen's guide. Retrieved from www.cps.edu/SiteCollectionDocuments/CitizensGuide.pdf
- Debate military training: School pupils give views at Panel in Times Hall. (1945, January 20). *The New York Times*. Retrieved September 15, 2008, from <http://nytimes.com>
- Diener, S., & Munro, J. (2005, June-July). Military money for college: A reality check. *Peacework Magazine*. Retrieved from <http://www.peaceworkmagazine.org/pwork/0506/050607.htm>
- Duggan, L. (2003). *The twilight of equality: Neoliberalism, cultural politics and the attack on democracy*. Boston, MA: Beacon Press.
- Enloe, C. (2000). *Bananas, beaches and bases: Making feminist sense of international politics*. Berkeley, CA: University of California Press.
- Gilmore, R. W. (2007) "In the shadow of the shadow state." In Incite! Women of Color Against Violence (Eds.), *The revolution will not be funded: Beyond the non-profit industrial complex* (pp. 41-52). Cambridge, MA: South End Press.
- Goffman, E. (1963). *Stigma: Notes on the management of spoiled identity*. New York: Prentice-Hall.
- Goode, E. (2009, August 1). After Combat, Victims of an Inner War. *The New York Times*. Retrieved from <http://www.nytimes.com/2009/08/02/us/02suicide.html>
- Goodman, D. (2002, January/February). Recruiting the Class of 2005. *Mother Jones*. Retrieved from <http://motherjones.com/politics/2002/01/recruiting-class-2005>
- Gramsci, A. (1971). *Selections from the prison notebooks of Antonio Gramsci*. Q. Hoare & G. Nowell Smith, Eds. & Trans. London: Lawrence and Wishart.
- Hagopian, A., & Barker, K. (2011). Should we end military recruiting in high schools as a matter of child protection and public health? *American Journal of Public Health*, 101, 19-23. doi:10.2105/AJPH.2009.183418
- Hancock, A. (2004). *The politics of disgust: The public identity of the welfare queen*. New York, NY: New York University Press.
- Harman, J. (2008, March 31). Rapists in the ranks. *Los Angeles Times*. Retrieved from <http://www.latimes.com/news/opinion/commentary/la-oeharman31mar,0,5399612.story>
- Harvey, D. (2005). *A brief history of neoliberalism*. New York, NY: Oxford University Press.
- Houppert, K. (2005, September 12). Military recruiters are now targeting sixth graders. Who's next? *The Nation*. Retrieved from <http://www.thenation.com/article/whos-next>
- Houppert, K. (2008, April 3). Another KBR rape case. *The Nation*. Retrieved from <http://www.thenation.com/doc/20080421/houppert>
- Huwa, K. (2010, November 14). ROTC ban survives despite Solomon Amendment. *Fiat Lux*. Retrieved from <http://blog.stanfordreview.org/2010/11/14/rotc-ban-survives-despite-solomon-amendment/>
- Illinois Arts Alliance. (2005). *Arts at the core: Every school, every student*. Retrieved from http://www.artsalliance.org/ed_research.shtml

- Ivey, A. E., & Ivey, M. B. (1998). Reframing *DSM-IV*: Positive strategies from developmental counseling and therapy. Retrieved from http://www.emicrotraining.com/resources/DSMIV-final_2_cols.pdf
- Kozol, J. (2006). *The shame of the nation: The restoration of apartheid schooling in America*. New York, NY: Broadway Books.
- Lipman, P. (2003). Cracking down: Chicago school policy and the regulation of Black and Latino youth. In K. Saltman and D. Gabbard (Eds.), *Education as enforcement: The militarization and corporatization of schools* (pp. 81–101). New York: Routledge.
- Lipman, P. (2004). *High stakes education: Inequality, globalization, and urban school reform*. New York: Routledge. doi:10.4324/9780203465509
- Lipman, P., & Haines, N. (2007). From Accountability to Privatization and African American Exclusion: Chicago's "Renaissance 2010". *Educational Policy*, 21, 471–502. doi:10.1177/0895904806297734
- Lopez, S. (2010, November 6). Veterans fighting the enemy within. *Los Angeles Times*. Retrieved from <http://articles.latimes.com/2010/nov/06/local/la-me-lopezcolumn-20101107>
- Lowenstein, J. K., Lory, A., & Hendrickson, M. (2008, August 20). Wildly disparate funding. *Chicago Reporter*. Retrieved from http://www.chicagoreporter.com/index.php/c/Web_Exclusive/d/Wildly_Disparate_Funding
- Lubienski, C. (2001). Redefining 'public' education: Charter schools, common schools, and the rhetoric of reform. *Teachers College Record*, 103, 634–666. doi:10.1111/0161-4681.00130
- Mackenzie, J. (1916, September 10). Can schools give military training? *The New York Times*. Retrieved from <http://query.nytimes.com/gst/abstract.html?res=9E07E1DD1F31E733A05753C1A96F9C946796D6CF>
- McDuffee, A. (2008, August 20). No JROTC left behind: Are military schools recruitment pools? *In These Times*. Retrieved from <http://www.inthesetimes.com/article/3855/>
- Medina, J. (2007, September 7). Recruitment by military in schools is criticized. *The New York Times*. Retrieved from <http://query.nytimes.com/gst/fullpage.html?res=9E03E3DD133AF934A3575AC0A9619C8B63>
- Military Public Schools on the Rise. (2009, June 4). MSNBC. Retrieved from http://www.msnbc.msn.com/id/31108509/ns/us_news-education/t/military-backed-public-schools-rise
- Miller, C. (2010, November 22). The 'Other Don't Ask, Don't Tell.' *The Weekly Standard*. Retrieved from http://www.weeklystandard.com/articles/other-don-t-ask-don-t-tell_516693.html?nopager=1
- Montefinise, A. (2007, January 21). It pays to be terrible, teach: Tenure saves 100s from ax. *New York Post*. Retrieved from http://www.nypost.com/p/news/regional/item_Q2qkKeBVtlj7yUTwK2KIEM

- National Alliance for Public Charter Schools. (2005). State of the charter school movement: Trends, issues, and indicators. Retrieved from http://www.uscharterschools.org/cs/r/view/uscs_rs/2018
- Obama, B. (2011). State of the Union 2011: President Obama's State of the Union Address. Retrieved from http://abcnews.go.com/Politics/State_of_the_Union/state-of-the-union-2011-full-transcript/story?id=12759395
- Ordover, N. (2003). *American eugenics: Race, queer anatomy, and the science of nationalism*. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press.
- Plank, D., & Sykes, G. (2003). Why school choice? In *Choosing choice: School choice in international perspective*, vii–xxii. New York: Teachers College Press.
- Quadagno, J. (1994). *The color of welfare: How racism undermined the war on poverty*. New York, NY: Oxford University Press.
- Quinn, T. (2007). "You make me erect!": Queer girls of color negotiating heteronormative leadership at an urban all-girls' public school. *Journal of Gay and Lesbian Issues in Education*, 4, 31–47. doi:10.1300/J367v04n03_04
- Roa, B. (2009, July 1). The Military Invades U.S. Schools: How Military Academies Are Being Used to Destroy Public Education. *Alternet*. Retrieved from <http://www.alternet.org>
- Schaffer-Duffy, C. (2003). Feeding the military machine. *National Catholic Reporter*, 39(21), 14-16.
- Segal, D. R., & Segal, M. W. (2004, December). America's military population. *Population Reference Bureau*, (59)4. Retrieved from <http://www.prb.org/Source/ACF1396.pdf>
- Selden, S. (1999). *Inheriting Shame: The Story of Eugenics and Racism in America*. NY, NY: Teacher's College Press.
- Springston, J. (2009, March 30). Planned public military high school draws outrage in Dekalb. *The Atlanta Progressive News*. Retrieved from <http://atlantaprogressivenews.com/news/0445.html>
- Thomas-Lester, A. (2005). Recruitment pressures draw scrutiny to JROTC. *The Washington Post*. Retrieved from http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2005/09/18/AR2005091801433_pf.html
- Tucker, J. (2006, November 15). San Francisco school board votes to dump JROTC program. *San Francisco Chronicle*. Retrieved from <http://www.sfgate.com/cgi-bin/article.cgi?f=/c/a/2006/11/15/BAG2HMD46B1.DTL>
- Tucker, J. (2009, May 13). S.F. school board votes to restore JROTC program. *San Francisco Chronicle*. Retrieved from <http://www.sfgate.com/cgi-bin/article.cgi?f=/c/a/2009/05/13/MNFJ17JAR2.DTL>
- United parents vote against school drill. (1929, February 12). *The New York Times*. Retrieved September 15, 2008, from <http://nytimes.com>
- U.S. Census Bureau. (2010, September 16). Income, poverty and health insurance coverage in the United States: 2009. Retrieved from http://www.census.gov/newsroom/releases/archives/income_wealth/cb10-144.html
- Wedekind, J. (2005, June 3). The Children's Crusade: Military programs move into middle schools to fish for future soldiers. In *These Times*. Retrieved from <http://www.inthesetimes.com/article/2136/>

- Williams, J., & Baron, K. (2007, October 7). Military sees big decline in black enlistees: Iraq war cited in 58% decline since 2000. *The Boston Globe*. Retrieved from http://www.boston.com/news/nation/washington/articles/2007/10/07/military_sees_big_decline_in_black_enlistees/
- Wily Filipino. (2003, March 31). What the military taught me. Retrieved from http://www.thewilyfilipino.com/blog/archives/2003_03.html
- Winant, H. (2004). *The new politics of race: Globalism, difference and justice*. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press.
- Woodruff, T., Kelty, R., & Segal, D. (2006). Propensity to serve and motivation to enlist among American combat soldiers. *Armed Forces & Society*, 32, 353-366. doi:10.1177/0095327X05283040
- Woodward, T. (2004). Rich kids go to college, poor ones to Baghdad. *New Statesman*, 133(4717), 14.
- Young America Foundation v. Gates. (2009). Retrieved from <http://caselaw.findlaw.com/us-dc-circuit/1385643.html>

Appendix 1

Below, we offer a list of resources that we use and distribute that offer tools for educators, youth and parents who are committed to working against the militarization of schools, and understand that organizing requires linking to community based groups and also offering youth and parents clear, non-militarized alternatives.

Organizations:

- American Friends Service Committee (AFSC)
<http://afsc.org/program/youth-and-militarism-program>
- The Coalition for Alternatives to Militarism in our Schools (CAMS)
<http://www.militaryfreeschools.org>
- Project YANO
<http://www.projectyano.org/>
- The National Network Opposing the Militarization of Youth (NNOMY)
<http://nnomy.org/>
- War Resisters League
<http://www.warresisters.org/counterrecruitment>
- Youth Activist-Youth Allies (YAYA) Network
<http://www.yayanetwork.org/>

Resources

For Students:

- Actions students can take to counter military recruitment in the school and in the community
http://www.projectyano.org/index.php?option=com_content&task=view&id=47&Itemid=80
- High School Student Rights
http://www.comdsd.org/pdf/hs_1.pdf

Military Sexual Assault – good handout/compact fact-card

<http://tinyurl.com/msassault>

Sgt. Abe the Honest Recruiter – Comic book style examination of dangerous clauses in the enlistment agreement.

<http://quakerhouse.org/documents/enlist.html>

Parents:

FAQs About Opt-Out, and Recruitment Access

<http://www.militaryfreeschools.org/FAQ-military.html>

“Help Your Peace-Loving Child Avoid the Draft” by Helen James, Mothering Magazine

<http://mothering.com/parenting/help-your-peace-loving-child-avoid-the-draft>

Military Recruitment in High Schools

http://www.tamewisconsin.org/Downloads/Important_Questions_parents.pdf

“Recruiting Children into the US Military,” by Gary Evans, MD

Very thorough analysis. One section deals with frontal lobe development in teens and how it relates to their ability to make prudent decisions, which some counter-recruitment groups use.

<http://www.ringnebula.com/Oil/recruiting-children.htm>

For Teachers/Counselors:

It’s My Life: A guide to alternative after high school

<http://tools.afsc.org/itsmylife/>

Alternatives by State:

Resource documents about alternative to military listed by state. A job and job-training guide intended to provide alternative to military service for youth in the United States and its territories that may be considering a career in the United States Armed forces.

http://nnomy.org/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=317&Itemid=735&lang=en

Ya Ya Network Resources

<http://www.yayanetwork.org/alternatives>

Curriculum Materials for Teachers:

Adbusters media literacy kit, good to use with recruitment ads.

<http://www.adbusters.org/cultureshop/mediakit>

AFSC C-R Training Manual, contains a 45-minute lesson plan.

youthmil@afsc.org

Bay-Peace: Better Alternatives for Youth has samples of the curriculum they use for workshops and classroom presentations, as well as links to useful videos, pamphlets and other resources, on their website:

<http://baypeace.org/resources-curriculum.html>

Camouflaged: Investigating how the U.S. military affects you and your community

<http://www.nycore.org/curricula/>

“Help Your Peace-Loving Child Avoid the Draft” by Helen James, Mothering Magazine. Can be given to art/English/history teachers to create assignments for a potential conscientious objector file.

Rethinking Schools magazine offers practical ways to teach controversial subjects.

<http://www.rethinkingschools.org>

Syracuse Cultural Workers sell a yearly Peace Calendar that is full of potential lesson plans for teachers.

<http://syracuseculturalworkers.com/calendar-2009-peace-calendar>

Immigrants’ Issues:

Immigrants & Military Recruitment

<http://tinyurl.com/immand>

Latin@s & the Military

<http://tinyurl.com/latmil>

Thinking of Joining the Military to Gain U.S. Citizenship

http://www.projectyano.org/pdf/CITIZENSHIP_AND_ENLISTMENT_Span-English.pdf

Veterans’ Groups:

Courage to Resist – <http://www.couragetoresist.org/>

GI Rights Hotline 877-447-4487: <http://www.girightshotline.org/>

Iraq Veterans Against the War – <http://ivaw.org/>

Veterans For Peace – <http://www.veteransforpeace.org/>

Videos:

Before you enlist: The real deal on joining the military (also in Spanish)

<http://afsc.org/video/you-enlist-2011>

Is a rational counterpoint to the seductive and often deceptive recruiting practices of the U.S. military. It gives young people and their families the life-altering consequences of joining the military – especially in wartime.

The Ground Truth – 77 minutes, young veterans discuss how boot camp training and combat experience has profoundly changed them.

www.thegroundtruth.net

Soldiers Speak Out – 27 minutes of young soldiers who oppose war-speaking, lots of good extras.

<http://www.empowermentproject.org/sso.html>

Yo Soy el Army

<http://afsc.org/video/yo-soy-el-army-americas-new-military-caste>

This short video looks at the militarization of the immigration debate. Alongside the Spanish-language media campaigns, the false promises and stringent laws that have even resulted in deportation of non-citizen veterans, and the DREAM Act.

Yahoo Counter-Recruitment Chat Group:

<http://groups.yahoo.com/group/counter-recruitment/>